

EDITORIAL*Leandro Assis Santos*¹

A presente XXV edição da revista *Ensaios Filosóficos*, traz à baila um conjunto de artigos extremamente plurais que flertam com *filosofias* diversas e infinitas. De início, o artigo traz por título *Filosofia prática entre Platão e Aristóteles: Aproximações e distanciamentos sobre o conceito de bem*, de Gian Mafalda de Carvalho, expressa um tema que não se esgota. Tendo passado por uma tradição longa e sempre aberta a novos horizontes de debates, o autor discute o conceito de *Bem*, explicitando suas aproximações e distanciamentos quanto ao debate que se notabiliza no diálogo entre Platão e Aristóteles. Diálogo este sempre renovado ao longo da tradição filosófica e reaberto pelo artigo proposto, visto que Carvalho acentua como elemento fundamental para esse debate a referência a contingencialidade. Vale acompanhar para entender os desdobramentos e críticas que estão por vir! Já o artigo de André José Nunes e Douglas João Orben intitulado *Apolíneo e dionísíaco: uma introdução à filosofia de Friedrich Nietzsche a partir da obra O nascimento da tragédia*, busca tecer uma aproximação ao pensamento nietzschiano por meio dos impulsos fundamentais que nomeiam o texto, enfatizando, ao final do artigo, uma leitura central quanto a necessidade de se reposicionar o dionísíaco, colocado “debaixo do tapete” pela metafísica tradicional. Esta aproximação a Nietzsche se estreitará com Schopenhauer, visto que o artigo intenciona pensar junto ao “Nietzsche” de sua primeira fase de reflexão, tão influenciado pelo pensador do começo do século.

Leonardo Gomes de Macedo, que assina o texto chamado *Coerência e Pragmatismo: Uma Articulação Entre Rawls e Quine*, esclarece que a conexão entre *bem* e *justo* passa pela problemática da congruência de um agente moral. A dimensão a ser marcada seria tratada de maneira internalista, elemento que de algum modo considera certo fundacionalismo de matriz subjetivo a fim de se depreender a questão em si. Partindo dos autores, o objetivo do escrito é chegar a uma compreensão de justiça independente de elementos específicos, a exemplo de religiões e crenças, sendo o objetivo alcançar princípios justos coerentes que dialoguem com um todo.

Lucas Ribeiro Vollet em *A Teoria das Descrições e uma reflexão sobre as motivações filosóficas da tese de Kripke sobre a rigidez dos nomes próprios: um argumento a favor de Russell* esclarece um debate acerca da *teoria das descrições* de Russell e as reflexões de Kripke

¹ Pós-doutorando pela Universidade do estado do Rio de Janeiro com estudos sobre Georges Bataille. leandroas30@hotmail.com

quanto a *rigidez*. Esse diálogo será, ao longo do texto, efetivado por meio de quatro argumentos que intencionam mostrar a potência de Russell quanto aos problemas expostos. O objetivo, assim, é entender o “lugar” no qual este autor pontua a necessidade de se revisar a noção de *verdade* por meio de categorias empiristas.

Francisco Estefogo, em *Espinosa, Sartre e Heidegger: antígenos contra a Covid-19*, coloca em xeque o que os avanços científicos alcançaram quanto a perspectiva da pandemia (ou pandomônios) que vitimou tantos indivíduos pelo mundo. Para além das ciências, questões de ordens políticas, ideológicas, humanitárias, dentre outros horizontes, entram também em cena a fim de serem refletidos, possuindo como objetivo entender a ideia de *liberdade* no interior de tais contextos. Partir de ciência a fim de se alcançar uma problemática de liberdade é, ao menos, curiosa; texto que vale mais de uma leitura, pois auxilia significativamente no entendimento de nossa época.

O choque e Baudelaire: as suposições de Benjamin das suposições de Freud, de Paula Crespo Cerri, em uma aproximação bastante curiosa, coloca autores de peso em um diálogo cujo intento é entender o lugar da *arte* na modernidade. E se a arte se alterou tanto, certo é, igualmente, que as maneiras de percepção de si mesma também precisam mudar. E, para esse caso, estreitar relações com Baudelaire, por parte de Benjamin, é central. Esse artigo é bem interessante, pois lembrará das categorias utilizadas por Freud por parte do pensador alemão.

O interessantíssimo artigo de Nathan Braga Fontoura, *Contexto, escritura e política: uma leitura des-construtivista*, aborda uma questão absolutamente determinante de nossa época, a saber, repensar a ideia de “desconstrução”. Essa empreitada ocorrerá por meio do Derrida da *Gramatologia*, situando o assunto em termos tradicionais e, posteriormente, tecendo as revisões do conceito chave em questão em um contexto político.

Por fim, *Sobre cumes e cavernas: Deleuze, Artaud e o infinito*, de Maria Helena Lisboa da Cunha, busca esclarecer a noção de corpo, dentre outras, a partir de uma categoria de multiplicidade, e não de identidade; mas, de devir, de ressonâncias. Isso aponta para certo mote do artigo, que não é outra coisa senão a perspectiva de obliterar as dinâmicas representativas e aludir elementos que flertem com uma especificidade de infinito.

Pelo exposto, percebe-se que esta edição vem à lume trazendo textos significativos quanto a diversos problemas. Inúmeros pensadores se disponibilizam ao debate. Muitos autores se abrem aos questionamentos. Que se faça as leituras!